Ano I — Lisboa, 15 de Novembro de 1945 — N.º 8

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

BI-TRIMESTRAL

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIRÓS

José Maria Eça de Queirós nasceu na Póvoa-do-Varzim, essa risonha vila nortenha, abraçada pelas ondas saltitantes do oceano. Parece que o mar tem o poder de dar aos portugueses aquêle sôpro de génio e valor que tem levado êste povo tão pequeno a cometer tão grandes feitos. Eça de Queirós talvez tenha aprendido, ao contemplar o azul imenso do oceano, o engenho de construir essas obras monumentais que são o orgulho daqueles que, como êle, amam êste torrão.

Passa no próximo dia 25 o centenário do nascimento dêste grande português e, por isso, é dever sublinhar a distinção e a autoridade da sua figura e o valor da obra que ergueu, pois não sabemos que mais admirar, se a sua personalidade, de espírito insinuante e perspicaz, se as suas páginas primorosas, quadros em que as côres se distribuem nas mais harmoniosas combinações, revestidos de uma graça subtil que empresta vida às suas personagens, as mais originais da literatura portuguesa.

O valor de Eça como romancista, o único grande romancista português, tão justamente apreciado nos países da mais alta cultura, bastaria para o colocar na posição que ocupa na literatura nacional. Mas êle é sempre admirável como contista ou crítico.

A sua prosa está enfeitada com aquela ironia cortante, um tanto cáustica, mas profunda e certeira, tão útil nas críticas aos costumes da sociedade do seu tempo.

«O Crime do Padre Amaro», «O Primo Basílio», «O Mandarim», «A Relíquia», «Os Maias» e a «Cidade e as Serras» são alguns dos seus melhores volumes que nos legou. Dirigiu também jornais e revistas e foi nomeado cônsul em diversas e importantes cidades. Efectuou uma extensa viagem pelo Oriente, que o inspirou nalgumas das suas produções.

O grande romancista português viveu numa época verdadeiramente brilhante da nossa literatura. No seu século viveram algumas das figuras mais representativas do pensamento português, tais como Ramalho Ortigão, de quem foi amigo íntimo, Camilo, Oliveira Martins, Herculano, Garrett, Junqueiro, Antero de Quental e Fialho de Almeida. Mas de entre tôdas essas figuras sobressai o vulto genial de Eça, que, com a sua autoridade, vem acrescentar à língua portuguesa uma nova maneira de dizer, inconfundível e profunda.

Como todos os grandes homens, Eça teve inimigos. Nós só lamentamos que êle não viva nos nossos dias, para, no seu estilo gracioso, fresco, irónico e... *imoral,* pintar as extravagâncias de muitos daqueles que o têm censurado.

Agora que se comemora o centenário de Eça de Queirós, todos os portugueses devem saüdar o nome dêste glorioso escritor, ateando mais e mais a chama da sua obra imortal que melhor terá assim a sua justa expressão.

JOEL RIBEIRO

SUMÁRIO

A propósito de centenário de Eça de Queirós. — Joel Ribeiro.
Hora de ressurgimento.
Foi assim mesmo... — *Cenas da Vida Escotista.* — Faustino Leitão.
Conversando com os guias de patrulha.
Renovemos os nossos programas de trabalho. — R. Modesto.
Desporto.
Outro artigo da lei. — Manuel Ferreira.
Agenda do Escoteiro
SECÇÃO TÉCNICA sob a direcção de M. Palma
Uma ponte de 3 metros feita com varas e espias.
Insignias de capacidade.
Plantas medicinais.
Notícias diversas.
Atenção! Daqui Algarve.
Breves Notícias do Movimento.
Coisas do Norte.
Recortes.
O Nosso Concurso.
Do Entroncamento, Grupo n.º 84
Bombeiros e Escoteiros desfilaram pelas ruas do Alto-do-Pina em comemoração do aniversário do Grupo n.º 17.

HORA DE RESSURGIMENTO

As deficiências morais que a guerra revelou trouxeram para primeiro plano o problema da educação, evidenciando a necessidade duma vigorosa acção entre a juventude. O escotismo, prestigiado pelo êxito da sua experiência e pelo valor dos seus métodos, encontra-se em franco desenvolvimento em todo o Mundo, acarinhado pelos povos, apoiado pelos governos, que fomentam interessadamente a sua expansão, certos de que contribuem para o saneamento físico e moral das suas mocidades.

Por isso assistimos, entusiasmados, ao que poderemos classificar de revigoramento do Escotismo. Nos cinco continentes, em quási tôdas as nações, a expansão do Movimento atinge proporções grandiosas e os filiados contam-se por muitos milhares. Na própria Itália os grupos multiplicam-se, prova de que o Escotismo, extinto oficialmente, progredia nos corações, e, segundo a imprensa diária, a reeducação da juventude alemã vai ser tentada em bases escotistas.

Em Portugal, para prestígio

FOI ASSIM MESMO...

Cenas da Vida Escotista

Folheemos um epítome da História de Portugal e, sem qualquer sombra de especulação, mostremos, por os termos vivido, alguns dos seus quadros aos nossos rapazes. Dêsses quadros, passemos alguns à frente mas detenhamo-nos neste, obscurecido já pelas sombras do esquecimento, pouco visível já pela pátina do tempo. Puxemos para primeiro plano aquelas figuras que estão à distância de vinte e oito anos e punhamo-las bem à vista nas colunas dêste jornal, concorrendo assim para que se tornem conhecidas cenas da vida e educação escotistas.

Lutas verdadeiramente fratricidas cobriam com véu de luto, miséria e dor os lares de Portugal. Quando não era a Morte ao serviço da intolerância, era o cárcere, exílio ou homizio a aumentarem cada vez mais, em vez de os diminuírem, torvos ódios.

A atingir o ocaso, estava o ano de 1917 quando inesperado surgiu rodeado de acólitos novo Messias, vingador de ofensas sofridas para uns, tirano para outros, libertador para muitos.

Nas ruas da capital levantaram-se novamente as barricadas cruzando-se uma vez mais, as balas saídas de armas apontadas por Caim. De ambos os lados em sanha feroz se batiam os contendores todos convencidos que defendiam a Razão, a Justiça e o Direito. Mais acesa estava a luta ali para os lados do Rato quando de repente, na rua juncada de mortos e feridos, surge um pequeno magote de rapazes —uma escassa meia dúzia— que, empunhando uma bandeira da Cruz Vermelha, fêz por momentos cessar o nutrido fogo. Então, durante a pequena trégua imposta por tão inesperada aparição, era ver aqueles rapazes, a maioria crianças ainda, já voluntários do Bem ao serviço da Paz; indiferentes aos desvarios de Belona irada; briosos nas fardas de escoteiro que envergavam; surdos ao crepitar da fuzilaria que nalguns pontos ainda se fazia ouvir; cheios de Fé, Amor e Carinho pelo muito que viam e ouviam a par das lições de Civismo recebidas no seu Grupo escotista —o «UM» de saüdosa memória— crianças feitas heróis, pigmeus tornados gigantes, em contraste com os que se batiam, esforçarem-se por rasgar mortalhas arrancando às Parcas os feridos, céleres transportados nas suas macas que pela primeira vez entraram em acção. E, alheios ao perigo que sôbre suas cabeças pairava, pois o tiroteio recomeçara, sentiam-se orgulhosos de tão pequenos ainda, já serem Homens no cumprimento do Dever. Pródigo no sacrifício, não se sentindo ainda completamente satisfeito com o dever cumprido, um dêles, cujo nome lamento não me lembrar, no hospital se prontificou para, arrostando com os perigos duma cidade em guerra, —digamos assim—, ir às casas dos feridos tranqüilizar as respectivas famílias.

.....

Foram assim os escoteiros naquele dia 5 de Dezembro de 1917, têm-no sido depois disso e decerto o continuarão a ser. Desta opinião compartilham — estou certo disso— Albano da Silva, David de Baudouin e João Clímaco do Nascimento, modestos e, para a grande maioria, desconhecidos heróis dêstes acontecimentos.

FAUSTINO LEITÃO

---

nosso, urge que *acertemos o passo* com o ritmo da hora presente. Chegou o momento de, em leal camaradagem e só em leal camaradagem, nos lançarmos na obra do ressurgimento do Escotismo Português.

Temos a consciência de que o Método pode prestar relevantes serviços à Pátria, portanto basta de hesitações, não mais se justificam dirigentes por tradição ou por capricho, grupos ou serviços inactivos. Se a hora é de trabalho, cada um, onde estiver, cumpra com isenção o seu dever, dando de mão a estreitos critérios pessoais, sem procurar brilhar, mas esforçando-se por servir; com disciplina, sem servilismo.

Em 1947 realizar-se-á o Jamboree Mundial da Paz e é indispensável que os escoteiros portugueses se coloquem em posição de ir ali não meramente representar, mas sobretudo honrar o nome de Portugal.

Campanha para 1.000 novas assinaturas

Depois da campanha que abrimos para mil novas assinaturas, a partir de Agôsto entraram já 128 novos assinantes, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

A maioria dos Grupos ainda não enviou as listas preenchidas, o que nos deixa a esperança de ver, muito em breve o número aumentado.

Pedimos a todos os amigos para nos indicarem nomes de antigos escoteiros ou amigos do Escotismo, para lhes ser remetido o «*Sempre Pronto*». Desde já agradecemos.

Ainda o aniversário do Grupo n.º 9

Pede-nos o Grupo n.º 2 que esclareçamos que não participou ne festa comemorativa do aniversário do 9, por não ter conhecimento dela, em virtude de não ter recebido o respectivo convite.

Conversando

Com os guias de patrulha

Já publicámos cinco das nossas *conversas* e não sabemos até que ponto elas terão sido úteis. Está claro, não temos procurado dizer novidades, mas apenas lembrar aquilo que, por vezes, parece esquecido. Devemos, porém, agradecer aos Grupos que nos informaram que os seus Guias estavam tirando proveito das nossas indicações. Ainda mesmo que a utilidade do nosso trabalho se tivesse limitado a tais, temos já razão suficiente para nos considerarmos satisfeitos.

Temo nos referido suficientemente à organização dos trabalhos da patrulha. Desejamos hoje conversar àcêrca do entusiasmo que deve reinar em tôdas as nossas actividades. É absolutamente necessário que a patrulha cultive a boa disposição, que o Guia deve procurar fomentar a todo o instante. Isso não significa que devamos andar sempre com os *dentes à mostra*, mas que devemos ser joviais e entusiastas.

A alegria deve notar-se em todo o trabalho e desde a maneira de mandar reünir a patrulha, pelo característico *grito — béu béu* para a «cão», *miau miau* para a «Gato», etc.— até às canções e aos bravos, tudo deve ser feito com animação.

Verificamos, com pesar, que nas concentrações de escoteiros não se nota hoje o mesmo entusiasmo doutros tempos. Os escoteiros têm falta de dinamismo. Não os vemos satisfeitos, lançar os seus chapéus ao ar, enquanto um grito unísono comunica entusiasmo a todos os espectadores. Ninguém melhor do que os Guias pode fazer ressuscitar êste espírito. Começai nas vossas reüniões de patrulha e fazei o mesmo nas actividades do Grupo. Acabemos com as *caras de entêrro. O escoteiro está sempre alegre e bem disposto.*

Não tenhais acanhamento de expandir a vossa alegria, vibrando de entusiasmo, lançando os vossos chapéus ao alto ou levando em triunfo sôbre os ombros um amigo do escotismo ou camarada que mereça as nossas homenagens.

O escoteiro é um jovem de corpo e de espírito e, portanto, deve ser entusiasta e dinâmico.

RIBEIRO

Casa Mãe da Gaiata de Lisboa

O nosso apêlo a favor desta interessante obra social já foi secundado. O Grupo n.º 6 de Olhão abriu uma inscrição entre os seus escoteiros, tendo apurado a quantia de Esc. 129$80, cuja importância, por intermédio do «*Sempre Pronto*», foi entregue à Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal para ser empregada naquela simpática instituïção.

Renovemos os nossos programas de trabalho

Nunca será demais repetir que tôdas as actividades escotistas visam a realização dum único objectivo —a educação—.

O inspirado fundador do Escotismo, reconhecendo que a juventude vinha sendo educada num ambiente frívolo, numa impressionante decadência moral e numa vida sedentária, de excessivo confôrto, que fatalmente conduziria a um progressivo enfraquecimento da sua pátria, concebeu um Movimento que, sendo uma reacção a êsse estado de coisas, fortalecesse ao mesmo tempo o corpo, o carácter e o intelecto da mocidade.

Baden Powell, admirável pedagogo, compreendeu, porém, que a organização a criar teria de ter um programa atraente e agradável aos rapazes, onde êles se sentissem como obreiros e não meros dirigidos, que constituísse um ideal, onde o heroísmo, a generosidade e a abnegação, virtudes tão do agrado da gente nova, tivessem um lugar proeminente.

Evitou, todavia, criar uma organização de métodos complexos e, portanto, definiu claramente o Escotismo como um jôgo, onde o rapaz tinha oportunidade de dar satisfação às suas necessidades de competição, de rir, de gritar, de cantar, de saltar e de brincar.

Para afastar a juventude da frivolidade e do ambiente viciado dos meios urbanos, combatendo a indolência moral e física, o fundador entendeu, com larga visão, que o lugar próprio para a acção do Escotismo seria o campo, e iniciou os seus trabalhos com um acampamento que ficou célebre na história do Movimento.

Portanto, tôdas as actividades do Escotismo visam o cumprimento destes princípios, competindo aos dirigentes proporcioná-las aos escoteiros de maneira que não percam o seu carácter atraente, evitando que se tornem fastidiosas, aborrecidas e insípidas. Entre nós, tem sido esta, talvez, a principal causa do menor desenvolvimento do Escotismo. Os dirigentes, tanto associativos como de Grupo, não têm sabido proporcionar os escoteiros programas agradáveis. Agarram-se, por vezes, aos programas rotineiros, passam anos a fazer sempre os mesmos *nós* e *sinais de pista* e as actividades dos nossos grupos carecem de interêsse.

Não pretendemos vêr modificada a orientação tão bem traçada por Baden Powell, que ainda não foi excedido em matéria de educação, apesar de muito copiado, o que se torna necessário é que tenhamos a preocupação de seguir o seu método, atender os seus conselhos sempre oportunos, e organizar programas atraentes para as nossas actividades de campo e de sede, renovando as matérias e enquadrando nos nossos trabalhos tudo aquilo que não sendo incompatível com os princípios educativos do Movimento, possa atrair a juventude, dar interêsse, e servir os objectivos.

R. Modesto

¡DESPORTO!

Irmãos escoteiros:

Ao iniciar esta nova secção no vosso jornalzinho, a pedido duma pessoa a quem não se pode dizer que não, é de bom grado que colaboro, e então na matéria que me é destinada, quero primeiro pedir desculpa de ter desviado um pouco a idéia que me deram, para que êsse plano tenha já um pouco mais de movimento.

Então, peço a palavra!

É uma verdade que há necessidade que vocês pratiquem qualquer coisa de desporto.

Só com as vossas provas e jogos (êstes, vamos lá com Deus, foram já esquecidos nos vossos programas) passaremos durante todo o inverno, dentro da sede, só com os trabalhos manuais. Acho muito pouco. Vão, talvez, fazer aquêles movimentos de ginástica indicados nas provas de 2.ª classe e no campo, jogar uma coisa parecida com o futebol, com uma bola de papel, antes e depois das refeições. Não, meus amigos! não! Isso já não é para o nosso tempo. Caros chefes, temos, sem que o rapaz dê por isso, de lhe tomar mais tempo, não só na sede, como no campo. E como?

Dando-lhe um divertimento que êle goste e com o qual, ao mesmo tempo, seja benificiado. Sendo assim teremos oportunidade de interessar mais o rapaz e conseguiremos retê-lo mais duas ou três vezes a pensar no seu Grupo e, portanto, no Escotismo.

Hoje tratarei dum pouco de Voleibol, amanhã Basquetebol, no outro dia Ténis de Mesa e, ainda, vá lá, e devia ser a primeira coisa a citar, também um bocadinho de ginástica.

Temos de trabalhar sem prejudicar as actividades dos vossos grupos. Para isso é que me chamaram e cá está o vosso amigo «Pato Coxo» à disposição. Não queiram que fique sem a outra perna.

Notem bem rapazes, não julguem que se vai prejudicar a vossa ida ao cinema ou de, com mais facilidade, poderem passear com... com mais tempo.

Vamos, pois, ao trabalho! Parece que há uma certa vontade em se fazer um pouco de voleibol. Para esta modalidade já dei as voltas precisas para conseguir tudo. Naturalmente há Grupos que não têm:

Treinador, bola, rêde, campo e mesmo até o apito, é claro! mas tôdas estas dificuldades estão previstas. E como resolvê-las?

Basta escrever para esta secção ao «Pato Coxo».

Para as dificuldades cá estou eu. Dentro em breve um torneio de Voleibol! Valeu?

Amigo certo

Pato Coxo

Câmara Municipal de Olhão

A Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, em reconhecimento pelo auxílio dispensado ao Grupo n.º 6, concedeu à Câmara Municipal de Olhão, a *Medalha de Agradecimento, classe Ouro.*

— 16 —

Velocidade metros por s.	Efeitos	Nome
0	insensível	calma
1 a 4	agita as fôlhas	brisa leve
4 a 8	agita os ramos leves	brisa moderada
8 a 12	agita os ramos da base	brisa
12 a 16	agita troncos	vento fresco
16 a 25	parte troncos	vento violento

Para completar as previsões do tempo, achamos interessante publicar alguns provérbios populares.

Lua com circo—traz água no bico.

Circo de lua—pastor enxuga, se aos três dias não enxurra.

Manhã ruiva—ou vento ou chuva.

Névoa em alto—chuva em baixo.

Nunca geada—mensageira de água.

Grande calma—sinal de água.

— 13 —

Barómetro—É o aparelho que nos permite apreciar a pressão atmosférica. Também é usado para avaliar altitudes, mas êstes instrumentos são de construção mais cuidada e sensível, sendo no entanto marcados em metros. Aquêle que nos interessa é o que normalmente se usa em nossas casas e que já trazem gravadas no seu quadrante as indicações aproximadas do tempo, as quais podemos dividir em 7 categorias.

730 m/m	Tempestade
740 »	Muita chuva
750 »	Chuva ou vento
760 »	Variável
770 »	Bom tempo
780 »	» » fixo
790 »	Tempo sêco

OS NOSSOS CONTOS

OUTRO ARTIGO DA LEI

I

Quando, naquela tarde, o chefe do escritório chegou ao serviço, vinha com ares bastante graves. Reüniu os empregados que, nessa importante emprêsa de cerâmica, trabalhavam sob as suas ordens e falou-lhes dêste modo:

—Tenho uma péssima notícia a dar-lhes, que muito me penaliza. O senhor gerente chamou-me e disse que tinha sido enviada para a Inspecção das Indústrias uma carta que, por lapso dactilográfico, informava absolutamente o contrário do que se pretendia. Foi a carta 2.821, em que, na oitava linha, se dizia que não funcionavam nesta emprêsa máquinas movidas a electricidade, quando, afinal, todos nós sabemos que elas existem.

Os empregados, ao ouvir tal, empalideceram. Entreolharam-se, como que procurando mùtuamente nos rostos sinais de culpa. Entretanto, o chefe do escritório continuava:

— Somos todos culpados. Eu, porque, depositando confiança nos meus subordinados, levei a carta à assinatura do senhor gerente, sem a ler cuidadosamente; o dactilógrafo, porque não a escreveu com a atenção devida, introduzindo no texto a palavra «não»; o empregado que conferiu a carta, porque deixou escapar o êrro...

Os empregados continuavam pálidos. Olhando o efeito das suas palavras, o chefe prosseguiu ainda:

— Como resultado da carta, a Inspecção das Indústrias respondeu, dizendo que lhe constava existirem, nesta emprêsa, maquinismos eléctricos e que, portanto, a matéria da carta era considerada menos verdadeira. E aí temos nós um inquérito e um sarilho dos diabos!

O empregado mais antigo preguntou:

—Senhor Meneses, e no decalque dessa carta que está no copiador não constam as iniciais de quem a minutou e a dactilografou?

—Isso sim! — respondeu o chefe do escritório, cada vez mais irritado—Isso sim! Até penso que isto foi maroteira para prejudicar o senhor gerente... Maroteira e ingratidão, porque ao senhor Vasconcelos devemos nós não só o ordenado que ganhamos mas tantas atenções, tantas... Êle, a bem dizer, não é um patrão, é um camarada, um amigo mais velho. E agora, arranjamos-lhe, com a nossa negligência, uma situação destas! Quando êle me mostrou a resposta da Inspecção, eu até nem queria crer... E o pior de tudo é que não sei a quem hei de pedir responsabilidades. Aqui, no escritório, há vinte empregados. Todos êles redigem e escrevem à máquina. Se o senhor gerente elogiasse um trabalho, certamente todos se intitulavam autores dêle. Mas, ninguém se acusa da asneira...

Assim falando, o senhor Meneses percorria, a largas passadas, o aposento. O silêncio pesado, glacial, foi interrompido pelo apito da emprêsa que tocava para o almôço. Contudo, ninguém se moveu, tornou-se necessário o chefe do escritório dizer que se retirassem para que êles, muito pesarosos, se dirigissem ao refeitório.

Dois dias depois, o Meneses voltou ao assunto:

— Tenham paciência mas como ninguém se acusa do engano, o senhor gerente resolveu punir com censura em ordem de serviço todo o pessoal do escritório. Portanto, se alguém se lembrar de ter cometido o êrro é preferível que vá dizer ao senhor Vasconcelos para assumir só êle as responsabilidades.

II

Ora, entre os empregados, havia um rapazola, alto, moreno, simpático, que se chamava Frederico. Bom colega, fôra com desgôsto que soubera da evolução dos acontecimentos. Por isso, quando, na ante-véspera, o Meneses contara o sucedido, êle pensara e tornara a pensar. O trabalho era imenso, mesmo excessivo. Quando se estudava um assunto, era se, imediatamente, interrompido para minutar ou escrever à máquina uma carta urgente. As conferências ficavam, muitas vezes, em meio, porque já outro serviço mais necessário se impunha. Assim, eram fáceis os erros.

Por isso, quando, de manhã, o chêfe do escritório disse que seriam todos castigados, Frederico apresentou-se ao gerente.

— Senhor Vasconcelos, venho pedir-lhe um favor...

—Dize rapaz,— respondeu o gerente, que tinha por Frederico grande simpatia.

— Venho pedir-lhe que não repreenda os meus camaradas pelo engano na carta. Procurei recordar-me se teria sido eu quem a passaria à máquina.

De facto, não a dactilografei, mas conferi-a. Tenho, portanto, a culpa do sucedido, porque não a conferi bem.

Diante daquela atitude de singular aprumo moral, o gerente ficou admirado e disse:

—Está bem. Felicito-te pelo teu procedimento, que revela um verdadeiro Homem. Nada sucederá aos teus colegas. Mas, o que é que te levou a ser tão franco? Sim, porque podias calar-te e ninguém vinha a saber do êrro...

—Senhor gerente, vê aqui, na lapela, esta flor-de-lis?

— Vejo, sim, — respondeu o senhor Vasconcelos.—E que tem uma coisa uma coisa com a outra?

—Tudo. Quere dizer esta insígnia que sou escoteiro. Ora, um dos artigos da nossa lei diz que o escoteiro *toma a responsabilidade dos seus actos*. E essa lei, senhor gerente, jurei eu cumpri-la, para sempre e em tôdas as circunstâncias.

Então, o senhor Vasconcelos abraçou Frederico:

—Podes ir embora rapaz. Felizmente, não houve conseqüências do êrro, porque já escrevi uma carta particular ao Inspector das Indústrias, para que lhe rectifique a pa-

Mas para que as suas indicações não sejam falseadas é-nos necessário calibrá-lo ao nível do mar em que marca 760 m/m.

* * *

Para avaliarmos altitudes com êle é necessário sabermos que em cada 100 metros, a agulha baixa 9 milímetros como se pode verificar pelo quadro abaixo.

Altitude	Barómetro	Altitude	Barómetro	Altitude	Barómetro
m	m/m	m	m/m	m	m/m
Nív. do mar	760	700	700	1400	644,1
100	751,1	800	691,8	1500	636,3
200	742,3	900	683,6	1600	628,7
300	733,6	1000	675,7	1700	621,2
400	725,2	1100	667,5	1800	613,7
500	716,7	1200	659,6	1900	606,9
600	708,3	1300	651,9	2000	598,2

Ventos

Da observação do vento, é-nos possível muitas vezes prever tempo provável a curto prazo bem entendido.

No inverno a terra está mais fria que o mar, assim os ventos do quadrante Sul, carregados de umidade, encontram uma temperatura mais baixa, que faz condensá-la originando as chuvas. Em geral o vento que mais chuvas produz é o SW.

Em compensação os do quadrante N, sendo mais frios e secos dão-nos os lindos dias de inverno, especialmente o do quadrante N. E.

Os ventos quanto à sua velocidade podem classificar-se em:

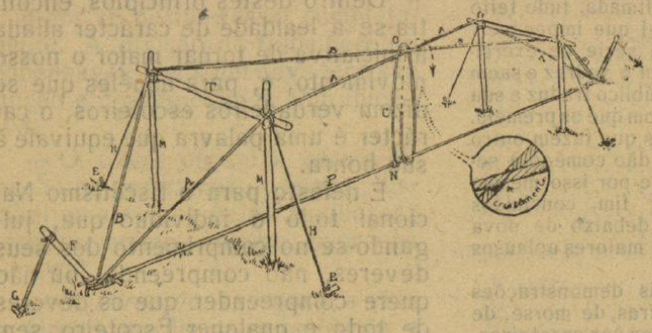
SECÇÃO TÉCNICA

Sob a direcção de MANUEL PALMA

Uma ponte de 3 metros, feita com 8 varas e espias

Temos hoje o prazer de oferecer aos nossos leitores um modêlo de ponte, cuja construção se faz em cêrca de 20 minutos. Bem exercitado é trabalho que se pode fazer em menos de 15 minutos, podendo servir para uma interessante demonstração durante uma festa escotista.

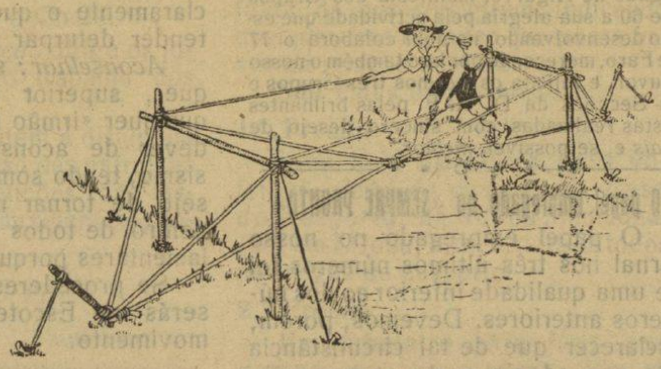
Material a empregar—8 varas fortes de escoteiro, 6 estacas resistentes, que podem ser feitas com madeira do próprio local, 3 espias grossas e algumas espias de menor espessura para os nós e laços.



Construção—Colocar sòlidamente sôbre cada margem do rio duas varas em prumo M, ligadas ao alto por uma vara transversal T, fortemente enlaçada. Os dois pórticos podem-se distanciar um do outro um máximo de 3 metros, mas de início será conveniente não exercitar com distância superior a 2,5 m.

Consolidar os pórticos com esticadores laterais H, seguros a estacas E.

A cêrca de 1,5 m. da base do pórtico, enterrar no chão, até metade do seu comprimento, uma vara de escoteiro F. Consolidar êste ponto por uma estaca de refôrço G ligada ao extremo da vara F por uma espia ou cabo muito bem esticado. Ligar duas espias A e B entre as varas F, passando pelos cantos superiores dos pórticos e cruzando-se em O.



No local N ao centro da espia P, ligar uma pequena espia que dará algumas voltas entre a espia P e o cruzamento O, apertando-se o laço, os pontos N e O unem-se. Êste trabalho tem de ser feito dentro do rio. A ponte apresenta agora o aspecto de duas pirâmides triangulares opostas pelo cume. Êste conjunto é bastante forte e indeformável se os nós forem bem apertados e as espias bem esticadas.

Unem-se com uma espia os extremos das varas M formando um corrimão.

Esta ponte foi construída pela primeira vez pelos escoteiros unionistas franceses da Região da Normandia, reünidos em Ruão em 1935.

Do livro *Nœuds et Passarelles*

Insígnias de Capacidade

Campista

1.º Saber equipar e montar um acampamento para 3 ou mais dias.

2.º Saber escolher o local, assegurar a sua instalação (montagem de tendas) e dotá-lo dos requisitos necessários, tais como: higiene, cozinha, escoamento de águas, etc.

3.º Saber utilizar e conservar o material de acampamento, reparar uma tenda.

4.º Conhecer as precauções a tomar na utilização das águas.

5.º Conhecer as regras de higiene e de vida no campo.

6.º Ter passado 20 noites consecutivas ou não, debaixo de tenda e ter-se alimentado com comida preparada por si próprio.

7.º Fazer um relatório promenorizado e ilustrado com desenhos ou fotografias dum dêstes acampamentos.

■

Plantas Medicinais

Cânhamo. (Linho cânhamo). É resolutivo e narcótico. Aproveita-se sòmente para medicamento, as extremidades floridas e as fôlhas.

Cardo Santo: Tónico, diurético sudorífico, vermífugo e febrífugo. Aproveita-se-lhe apenas a parte florida.

Em pó 1 a 4 gramas. Em infusão 50 por 1000. Em vinho 50 por 1000, às colheres antes de cada refeição.

VISITAS

O nosso jornal tem tido a honra de receber a visita de irmãos-escoteiros de fora de Lisboa que, de passagem pela Capital, não perdem a oportunidade de gentilmente nos manifestarem a sua simpatia, aos quais manifestamos o nosso agradecimento.

● Em 23 de Setembro p. p., visitou-nos o nosso amigo Sr. António Pinto Moreira. chefe dedicado do Grupo n.º 44 de Vila Nova de Gaia.

● Também em Setembro nos visitou o Sr. Afonso Pita Grós, antigo escoteiro na Bélgica, sua Pátria, e no Grupo 36 de Luanda, que recentemente regressou de Cabo Verde.

● Em 19 de Outubro p. p. visitou-nos o nosso camarada Sr. Manuel W. Leiria, acompanhado de sua espôsa, respectivamente membro da Comissão Directiva do Grupo 6 e da D. A. F. de Olhão.

Uma nova unidade do Corpo Nacional de Escutas

No dia 30 de Setembro findo, inaugurou-se em Sintra o Grupo n.º 109 do Corpo Nacional de Escutas. A respectiva sessão inaugural realizou-se no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Sintra. O Grupo n.º 93 dos Escoteiros de Portugal esteve representado pelo seu chefe, o nosso camarada Sr. João Henriques, e o nosso jornal pelo seu Director. Ao novo Grupo os nossos votos de *boa caça*.

lavra «não»! Crê, meu bom Frederico, que sinto orgulho na tua atitude. E olha que, com gestos como êste, fazes maior propaganda do escotismo do que se realizasses conferências e entrasses em muitos desfiles...

MANUEL FERREIRA

FILATELIA

O «Sempre Pronto» espera poder iniciar no próximo número a nova Secção — FILATELIA.

Notícias diversas

O lar do nosso amigo Rev. Luís de Campo Aço e de sua espôsa Sr.ª D. Josefina Rodrigues Aço, dedicados missionários em Calunquembe, Angola, foi enriquecido com mais um *rapazito*, a quem foi dado o nome de Samuel. Apresentamos os nossos parabéns aos pais e desejamos que o Samuel cresça em Graça diante do Senhor.

Êste número foi visado pela Comissão de Censura.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Êste Grupo com a colaboração do 6 Olhão, realizou um bom acampamento na Praia do Monte Gordo nos dias 22 e 23 de de Setembro p. p.

Encontrava-se casualmente nessa praia o nosso Inspector Regional, Sr. Humberto Martins, que visitou o acampamento, assistindo ao *fogo de conselho* que se realizou à noite, tendo tido palavras de louvor para a actividade dos dois Grupos.—C.

O Escotismo no Algarve esteve em festa nos dias 6 e 7 de Outubro último. Jamais olvidaremos essa data em que vimos despertar nesta ridente província o Movimento feminino que, embora um departamento auxiliar dos Escoteiros de Portugal, se rege pelas mesmas Leis e se orienta pelo mesmo Ideal, e ainda por nos ter sido dado o prazer de receber a visita das Sr.as D. Clotilde Ferreira e Renée van Nitsen, chefe e chefe-ajudante da Divisão Auxiliar Feminina, que aqui vieram receber o Compromisso de Honra das novas escoteiras de Vila Real e Olhão.

No dia 6, as escoteiras de Vila Real, formaram frente à estação de C. F., afim de saüdarem as Chefes da D. A. F. que acabavam de chegar no rápido de Lisboa, dirigindo-se imediatamente para a sede do Grupo 60, em parte inaugurada neste acto, onde, após um pequeno *copo de água*, o Chefe Vicente Campinas lhes apresentou as boas-vindas e agradeceu a honra da presença das ilustres Chefes. A Sr.ª D. Clotilde Ferreira agradeceu comovidamente as gentilezas com que estavam sendo recebidas e manifestou a sua satisfação pelos esforços empregados na constituïção da Secção da D. A. F. de Vila Real.

À noite, depois dum jantar de confraternização, efectuou-se na sala nobre da Capitania do Pôrto um *fogo de conselho*, que teve grande assistência, onde entre canções e manifestações de alegria, prestaram Compromisso de Honra as novas escoteiras. O 60 apresentou ainda o opisódio escotista «Gungandin» e o Chefe do Grupo, nosso amigo Sr. Vicente Campinas, condecorou o Sub-Chefe Sr. Mannel Tacão com a medalha de «Dedicação e boas serviços», tendo a interessante festa terminado com o Hino dos Escoteiros.

No dia 7, logo de manhã, as Chefes da D. A. F. acompanhadas pelos dirigentes do Grupo 60, partiram para Olhão onde foram assistir às festas que ali se realizaram.

LÔBO DO GUADIANA

Grupo n.º 6 — Olhão

O Escotismo em Olhão viveu horas de grande entusiasmo em 7 de Outubro último. Depois da chegada das Sr.as D. Clotilde Ferreira e D. Renée Van Nitsen, chefes da Divisão Auxiliar Feminina, realizou-se a inauguração da «Biblioteca Popular», bela iniciativa do Grupo 6, que conta já cêrca de 1.200 volumes.

Compareceram ao acto além das chefes da D. A. F., os chefes dos Grupos 6 e 60, o Sr. Manuel W. Leiria, principal orientador da Biblioteca, o Sr. Francisco Pina, da Comissão Directiva do 6, e o Sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes que dissertou largamente sôbre a fundação do Escotismo em Olhão e àcêrca do valor social da presente iniciativa do Grupo 6, cujos dirigentes foram muito felicitados.

À tarde chegaram os escoteiros e a Secção da D. A. F. de Vila Real, que eram aguardados pelos escoteiros do 6 e 77. O movimento escotista provocou a curiosidade da população e, às 21 horas, quando os três Grupos em formatura deram entrada no Campo de Jogos do G. D. «Os Olhanenses», já êste se encontrava repleto de de espectadores. A Direcção do referido clube levou a sua gentileza ao ponto de ceder a sua aparelhagem sonora, através da qual o público foi esclarecido do significado das cerimónias e actividades que se iam realizando.

Perante o maior respeito da assistência a Chefe da D. A. F. tomou o Compromisso de Honra das membros da Secção de Olhão e o chefe do 6, dos novos escoteiros do seu Grupo, cerimónia que terminou com o Hino da Associação.

Findo um breve intervalo, o Sr. Francisco Pina, instrutor do Grupo, dá um sinal de apito. Logo surgem, divididos, duas dezenas de escoteiros: dum lado, juniores, calção preto e camisola branca; doutro lado, seniores, todos vestidos de branco.

Chegam, perfilam, evolucionam, saúdam, fazem o xadrez e começam os seus exercícios de ginástica ritmada, tudo feito ao som de apitos e quási que impecável.

Acabada a primeira série de exercícios, os juniores desfazem o xadrez e saem do recinto, enquanto o público traduz a sua satisfação pelas palmas com que os premeia.

Ficam só os seniores que fazem outro movimento de xadrez e dão comêço à segunda série, mais difícil e por isso mesmo mais interessante. — Por fim, concluídos êstes, saem do campo debaixo de nova ovação de palmas e dos maiores aplausos da assistência.

Realizaram-se depois demonstrações de homógrafo por escoteiras, de morse, de macas e primeiros socorros por escoteiros, e um encontro de Basquetebol entre equipos da JOC e do Grupo 6, que terminou com a vitória da primeira por 21-18, conquistando assim a taça «Biblioteca Popular», oferta do Grupo 6.

N. R.—O «*Sempre Pronto*» que se fêz representar em tôdas as cerimónias realizadas em Vila Real e Olhão pelo seu Delegado no Algarve, manifesta aos Grupos 6 e 60 a sua alegria pela actividade que estão desenvolvendo, na qual colabora o 77 de Faro, merecendo por isso também o nosso louvor, e felicita os mesmos três Grupos e as Secções da D. A. F. pelas brilhantes festas realizadas com sincero desejo de *mais* e, se possível, *melhor*.

O papel empregado no «SEMPRE PRONTO»

O papel empregado no nosso jornal nos três últimos números foi de uma qualidade inferior ao dos números anteriores. Devemos, porém, esclarecer que de tal circunstância não nos adveio qualquer economia e, pelo contrário, o custo do último papel foi mais elevado.

Para obviar tal facto, dadas as actuais dificuldades na obtenção de papel, só encontramos uma solução—adquirir uma partida de papel que nos permita manter o mesmo tipo pelo menos durante um ano.

Não temos, porém, fundos para tal transacção e só a poderemos efectivar se os amigos do SEMPRE PRONTO vierem em nosso auxílio. Aqui deixamos o apêlo, na certeza de que todos desejam dar a sua contribuïção para manter o bom aspecto gráfico do jornal.

BREVES NOTÍCIAS DO MOVIMENTO

Grupo n.º 16 O Grupo de Carcavelos acampou de 1 a 4 de Setembro p. p. em S. Domingos de Rana, tendo passado 4 dias em agradável camaradagem. Êste Grupo recomeçou as actividades de inverno em 7 de Outubro p. p.

Grupo n.º 67 Êste Grupo do Seixal recebeu na sua sede em 5 de Outubro p. p., a visita do Grupo Excursionista e Beneficente, da freguesia da Lapa, tendo-lhe sido dadas as boas-vidas pelo Presidente do 67.

Coisas do Norte

Camaradas:

A nossa fôrça de ânimo, mantida com abnegada coragem, tem conseguido que o nosso movimento continue, educando a juventude portuguesa dentro dos princípios pedagógicos que tornou grande o Escotismo em todo o mundo.

Dentro dêstes princípios, encontra-se a lealdade de carácter aliada à iniciativa de tornar maior o nosso movimento, e, para aquêles que se dizem verdadeiros escoteiros, o carácter é uma palavra que equivale à sua honra.

É nefasto para o Escotismo Nacional todo o indivíduo que, julgando-se no cumprimento dos seus deveres, não compreende, ou não quere compreender que os deveres de todo e qualquer Escoteiro, sem distinção de hierarquia, é o de ouvir, observar e... aconselhar.

Ouvir: subentende-se, ouvir as opiniões dos diferentes elementos e prestar-lhes a maior atenção.

Observar: significa que devemos esforçar-nos por compreender claramente o que se diz, sem pretender deturpar o seu significado.

Aconselhar: significa que, qualquer, superior hierárquico, como qualquer «irmão mais velho», tem o dever de aconselhar sem facciosismo, tendo sòmente em vista o desejo de tornar maior o Escotismo dentro de todos os princípios regulamentares porque êle se rege.

Se procederes assim camarada, serás um Escoteiro útil ao nosso movimento.

PENA D'ÁGUIA

NOTÍCIAS

A exemplo dos anos anteriores, no passado dia 23 de Setembro, tiveram lugar as corridas ciclo-pedreste-natatórias, provas anuais organizadas pelo Grupo de Propaganda de Natação.

Os Escoteiros do Norte, num total de 47 elementos, foram como nos demais anos encarregados da sinalização daquelas provas.

No fim alguns elementos do G. P. N. vieram agradecer a todos os escoteiros os bons serviços prestados.

Grupo 4

Êste Grupo tem trabalhado activamente, e, embora não tenha feito saídas para o campo, tem contudo realizado concursos entre as suas Patrulhas, estando os seus elementos muito animados com tal trabalho.

Assim, sim. Nem só nas pradarias é que se faz escotismo.

Grupo 15

Êste Grupo acampou em Leça do Balio com a comparência de quási todos os elementos, para prova da especialidade de cozinheiros.

Tem contudo trabalhado muitíssimo na sua sede, sendo, sem favor, actualmente a sede com melhor apresentação no Norte.

Os nossos parabéns.

RECORTES

Para uso dos dirigentes

Divisão do trabalho num Grupo

É preciso evitar o que se observa em certos Grupos: o Chefe é a única figura, só êle faz, só êle decide. O Sub Chefe, os demais auxiliares são postos à margem e acabam por se desinteressar completamente. A divisão do trabalho é indispensável. Cada um deve ter a sua função e desempenhá-la com iniciativa.

— O *Chefe* organiza com a direcção os programas do Grupo; distribui os serviços pelos auxiliares; fiscaliza, anima, corrige, coordena e instrui.

— A *Direcção* assegura a vida do Grupo, auxilia na organização e execução do programa escotista, chama ao Movimento novos elementos, assegura os fundos necessários, assiste às cerimónias.

— O *Sub-Chefe* dá instruções, organiza os programas do dia, os programas para excursões; preside às provas, substitui o Chefe.

— O *Guia de Secção* dirige os jogos, superintende o trabalho dos guias.

— Os *Guias* mantêm a disciplina e animam o progresso das patrulhas nas provas e competições; dão instrução elementar; auxiliam nos jogos e actividades.

Do *Guia do Escoteiro* por

VELHO LOBO

Grupo 44

Êste Grupo também tem trabalhado e estamos certos de que nos dará surpresas.

Grupo 91

Êste Grupo, no passado dia 16 de Setembro, fêz um bivaque em Salgueiros, que correu com grande animação.

Também tem feito algumas saídas matinais para propaganda.

A sede está em obras.

Oxalá acabem depressa.

Reorganização dum Grupo

Próximo da Asprela onde realizámos a passada concentração, tivemos conhecimento de que um antigo elemento do Grupo 70, trabalha activamente para a reorganização dum Grupo, para o qual já conta com alguns aspirantes e sócios auxiliares. Falta-lhes agora a sede.

A êste elemento as nossas felicitações e desejos de dentro em breve ver a Região Norte com mais um Grupo.

Coragem pois, e nada de desânimos.

Os quatros grandes do Norte não estão de acôrdo!

Preguntamos:

Realizar-se-á o Concurso Inter-Patrulhas?

Onde estará o Colar do Chefe?

Quais as actividades Regionais futuras?

JAGUAR BRANCO

O Nosso Concurso

Continua a despertar interêsse o nosso Concurso.

Dos n.os 6 e 7 foram os seguintes os exemplares vendidos:

NORTE		
Grupos n.os	Exemp.	Exemp.
4	20	20
15	40	40
44	20	20
91	25	27
LISBOA		
Grupos n.os	Exemp.	Exemp.
2	25	25
5	10	10
17	10	35
21	6	6
53	20	20 + Publ. 25
79	6	—
81	15	15
99	5	5
D. A. F.	6	6
ALGARVE		
Grupos n.os	Exemp.	Exemp.
6	20	20
60	60	60
77	15	15
40—Setúbal	5	5
52—Angra-do-Heroísmo	20	20
67—Seixal	12	12
80—Ponta Delgada	50	50
84—Entroncamento	45	45
93—Sintra	20	20

Pedimos a todos os Grupos o favor de nos corrigirem, indicando qualquer êrro ou lapso que possa haver na relação que damos.

São êstes os prémios:

1.º Prémio

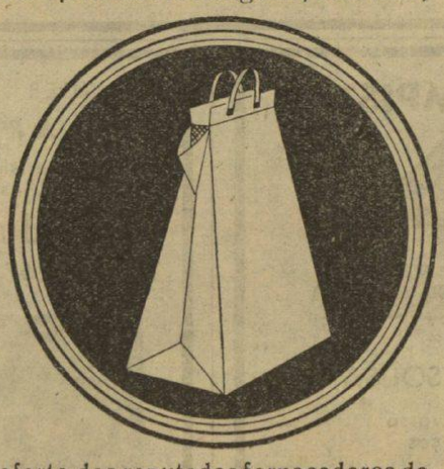
Uma bola de couro para voleibol, oferta da conceituada Casa do Desporto, da Rua da Madalena, 196, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos de desporto.

2.º Prémio

Um taboleiro para jôgo das damas, em boa madeira, com as respectivas pedras, oferta da reputada Casa Spril, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa, fornecedora de artigos de sport e jogos.

3.º Prémio

1 balde de lona para água, modêlo pirâmide rectangular, com bico,



oferta dos reputados fornecedores de artigos de campismo, Vitorino de Sousa, L.da, na Rua dos Correeiros, 200 e 202 em Lisboa.

4.º Prémio

A obra de Júlio Dinis Uma Família Inglesa, em dois óptimos volumes, edição ilustrada, oferta da Livraria Bertrand, da Rua Garrett, 74, em Lisboa, uma das mais importantes casas editoras do país.

5.º Prémio

A obra De Marçano a Milionário, por Augusto Santa Rita, oferta do «*Sempre Pronto*».

6.º Prémio

A obra do Dr. P. Good Higiene e Moral, oferta da Biblioteca do Grupo 94.

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Depois duma ausência de 3 anos, regressou ao Entroncamento o escoteiro-sénior Sr. António Rosa Bernardes, que já se apresentou ao serviço escotista, tendo sido nomeado Tesoureiro do Grupo. É mais um colaborador com que o 84 passa a contar.

□ □

Os rapazes do 84 tiveram o prazer de receber a visita dos antigos escoteiros Srs. António Rebêlo, que há 5 anos se alistou na Armada, e Miguel Silva que há 7 anos se encontrava em Évora e que novamente fixou residência no Entroncamento.

□ □

A patrulha «Galo» acampou nos dias 6 e 7 de Outubro, no lugar da Carregueira.

□ □

Nos dias 13 e 14 o Grupo realizou o último acampamento da época, na Quinta da Cardiga. No sábado efectuou-se um *fogo de conselho* ao qual assistiram os donos da Quinta, Srs. Conde de Murça e Dr. Ruy de Andrade, e suas famílias, tendo sido muito aplaudidos os diversos números do programa.

No domingo à tarde efectuou-se a Festa de Campo, tendo prestado Compromisso de Honra o novo escoteiro José Maria da Silva. A pedido foi repetido o Programa do *fogo de conselho*, novamente muito aplaudido.

Os escoteiros do 84 estão muito reconhecidos aos dignos proprietários da Quinta pelas gentilezas com que generosamente os atenderam.

□ □

Passou à situação de licença o escoteiro Guia Luís Máximo de Oliveira, que se retira para Lisboa. É mais um bom elemento que deixa o 84 por motivos profissionais, perante o pesar dos seus camaradas.

□ □

O nosso Agente-Correspondente, Sr. Aníbal R. Horta, ainda se encontra no Entroncamento.—C.

DOENTES

Entrou em convalescença o nosso irmão-escoteiro Sr. Estanislau de Figueiredo Pires, do Grupo 94, que esteve internado no Hospital do Rêgo, gravemente doente com um ataque de tifo. Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

DE LUTO

Em 3 de Novembro corrente, faleceu o Sr. António Maria Araújo, pai do nosso estimado amigo e assinante Sr. Artur de Araújo, a quem apresentamos sentidas condolências.

BOMBEIROS E ESCOTEIROS

Desfilaram pelas ruas do Alto-do-Pina em comemoração do aniversário do Grupo n.º 17

O Grupo 17 esteve em festa no dia 14 de Outubro para festejar o seu primeiro aniversário, tendo realizado, perante grande assistência, uma sessão no Ginásio do Alto-do-Pina, à qual presidiu o Sr. Comandante da Associação Humanitária «Cruz de Malta», secretariado pelo Sr. Chefe-Geral Adjunto dos Escoteiros de Portugal e pelo representante dos donos da sala.

Foram entregues insígnias a escoteiros e prestaram Compromisso de Honra dois novos elementos, foi entregue a medalha de prata de Dedicação ao Sr. Dr. Henrique de Meneses Parreira e o diploma de Sócia Honorária n.º 1 à Srª. D. Albertina Duarte.

O Chefe Ferreira Martins fêz uma interessante alocução a propósito dos objectivos do Escotismo, tendo seguido no uso da palavra diversos oradores.

A festa terminou por uma parte festiva com a apresentação dum episódio escotista pelo Grupo n.º 94 e canções do colaboração com todos os Grupos presentes, os n.os 2, 9, 53, 79, 85, 94 e 99.

No final os Bombeiros da «Cruz de Malta» que, em grande número e acompanhados pelos seus dignos Comandantes, compareceram na festa, desfilaram, acompanhados pelos escoteiros, pelas ruas do Alto-do-Pina, perante o entusiasmo dos moradores do Bairro. O Grupo 17 montou ainda uma interessante exposição numa sala do Carvalho Araújo Sport Clube que foi muito visitada.

O «*Sempre Pronto*» felicita o «17» desejando *boa caça* e agradece as manifestações de que foi alvo na referida festa.

DIA DA RESTAURAÇÃO

O «*Sempre Pronto*», de colaboração com os grupos n.os 2 e 53 que comemoram no dia 1.º de Dezembro p. f., respectivamente, o 33.º e 12.º aniversário da sua fundação, vai publicar naquela data um número especial comemorativo do Dia da Restauração.

IMPRENSA

«Vitória»

Iniciou a sua publicação em Lisboa, «*Vitória*», diário da tarde.

Os moldes em que foi vazado êste diário são inteiramente novos.

Jornal de feição moderna, dedicado à informação geral da actualidade de aspecto gráfico completamente novo, trabalhado por seleccionados profissionais do jornalismo e dispondo de colaboração de ilustres nomes, «*Vitória*» terá certamente assegurado um grande êxito.

A sua redacção e administração são em Lisboa, na rua Dr. Luís de Almeida e Albuquerque, n.º 6.

«Diário do Minho»

Em 13 de Outubro último, a secção escotista da Junta Regional de Braga do C. N. E., que se publica neste importante diário, referiu-se ao nosso jornal em têrmos que muito nos sensibilizaram.

Agradecemos os votos de prosperidades, que sinceramente retribuímos.

Inconfidências

Atenção!... Camaradas escoteiros! Se tiverem de ir ao Algarve não se esqueçam da «Flor de Lis» na lapela, porque se a não levarem são multados em 2$50, e se forem dirigentes, em 5$00.

As irmãs da D. A. F. sempre se lembram de cada uma!...

Aqui para nós, elas têm razão e o que têm a fazer é mandar uma delegada a Lisboa...

ÔLHO À COCA

SELOS

FOI, É

e será sempre

o mais lucrativo passatempo

COLECCIONAR SELOS!

Visite-nos, veja o que temos e será coleccionador

A. MOLDER

R. 1.º de Dezembro, 101, 3.º

Telef. 21514

M. Simões Jr. **OFICINAS**

Rua da Conceição, 46, 1.º

Telefone 2 1672

LISBOA

ORÇAMENTOS GRÁTIS

DIRECÇÃO TÉCNICA DE

QUINTINO PINHEIRO

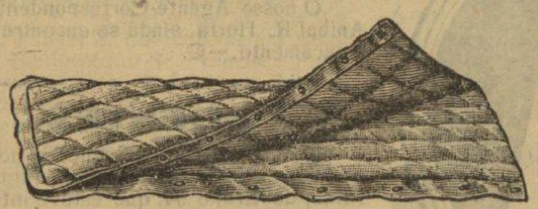


OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES DE MÁQUINAS DE ESCREVER, CALCULAR E SOMAR, MANUAIS E ELÉCTRICAS, DUPLICADORES, ETC.

CONTRATOS DE LIMPEZA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Máquinas de escrever «HERMES», de calcular «MADAS», de somar «ADDO», duplicadores «PRINTA»

ESCOTEIROS E CAMPISTAS



Visitai a casa VICTORINO DE SOUSA, L.DA

onde encontrareis artigos do vosso desporto aos melhores preços

RUA DOS CORREEIROS, 200-202 / LISBOA

TELEFONE 27458

ALUGUER • VENDA • CONFECÇÃO

BARRACAS — TENDAS

Material de Acampamento nas melhores lonas lisas, listadas e impermeabilizadas, só na

Soc. Indust. de Toldos e Encerados

Telef. 2 5357 / R. Vale de S.to António, 59 / LISBOA



ENCERADOS E VESTUÁRIO DE OLEADO